

Vulnerabilidade do Brasil ¹⁹³ diminuiu, dizem economistas ^{economia Brasil}

■ Analistas crêem que país está mais preparado para enfrentar choques externos

VALDEREZ CAETANO

BRASÍLIA – Incertezas quanto ao destino da economia argentina, crise no Oriente Médio, aumento da inflação americana, alta nos preços do petróleo. Estes são componentes de uma crise externa que chegam a galope em economias mais vulneráveis. Mas será que o Brasil ainda pode ser considerado uma dessas economias? Opinião quase unânime, não fosse o contraponto da esquerda, é que o Brasil de hoje não pode ser comparado ao da primeira crise do petróleo em 1973/1974, o da segunda em 1979, ou ao da Guerra do Golfo em 1990, e, nem mesmo ao da desvalorização cambial do ano passado.

Mesmo para protagonistas de crises anteriores como o deputado Delfim Netto (PPB-SP), ministro da Fazenda em 1979 – ano da pior alta de preços do petróleo de todos os tempos –, bem como Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central em 1999, época da desvalorização do real, estão absolutamente convencidos de que o país não corre qualquer risco de ser atingido profundamente pela crise. O que não significa, segun-

do eles, que não sejam necessários “certos cuidados”, como continuidade de reformas e melhoria das exportações.

Globalização – Na esteira da economia globalizada que facilitou a circulação do capital por quase todos os países do planeta, a percepção de crise mudou. Basta um comando no teclado de um microcomputador em Cingapura para tirar o sono do resto do mundo. Além disso, parâmetros macroeconômicos que antes mediam a saúde das economias passaram a ser tratados com maior benevolência por organismos internacionais como o Banco Mundial (Bird) e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Um deles é o endividamento externo. Nas décadas de 70 e 80, o remédio para os países em desenvolvimento era a geração de grandes saldos comerciais, e, em consequência, os países acumulavam polpudas reservas cambiais. Só para se ter uma idéia, em 1973, quando aconteceu a primeira crise do petróleo, a dívida externa era de US\$ 12 bilhões, mas o país tinha em reserva US\$ 6 bilhões, metade de toda a dívida. Hoje, a dívida externa, segundo

dados do Banco Central, chega a US\$ 244 bilhões e as reservas internacionais somam US\$ 30 bilhões, correspondendo apenas a 8,13% da dívida externa.

Dívida pública – O tamanho da dívida pública deixou de ser parâmetro para medir a vulnerabilidade da economia. Hoje, no Brasil, os estados, municípios, empresas estatais e o governo central (Previdência Social, Banco Central e Tesouro Nacional) devem a bagatela de R\$ 544,174 bilhões. Só para se ter uma idéia, de 1991 (primeira série histórica disponível no governo) até este ano, a dívida pública teve um crescimento de 714%, embalada pelos juros e pela desvalorização cambial.

Se o tamanho da dívida não mais espanta os investidores, a capacidade do país de impedir que ela continue crescendo é o que importa. Daí a necessidade de se gerar saldos crescentes de superávit fiscal. E isto a equipe econômica vem monitorando com maestria. Até agosto, apenas o governo central tinha conseguido economizar R\$ 23 bilhões. Essa economia deverá chegar a R\$ 30 bilhões até o fim do ano, de acordo com a meta do governo.

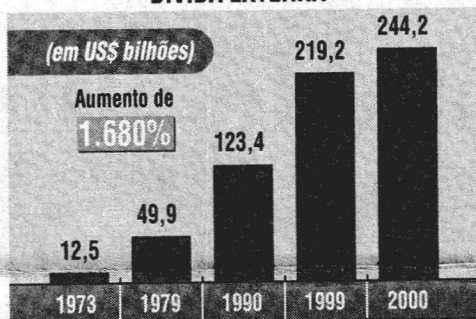
Balança comercial – E o petróleo? É mesmo o grande vilão do resultado da balança comercial? A previsão inicial era de que o país iria gerar um superávit de US\$ 2,8 bilhões este ano e o mercado já trabalha com um déficit entre US\$ 50 milhões e US\$ 100 milhões. O governo garante que é mesmo o petróleo o vilão da balança e exibe números: o país vai gastar, este ano, US\$ 3 bilhões a mais que ano passado por conta da alta do preço do produto no mercado internacional, que saltou de US\$ 11 o barril para mais de US\$ 30.

Mas já houve tempos piores. Na época em que o Produto Interno Bruto (PIB) ainda engatinhava na casa dos US\$ 200 bilhões (na segunda crise, em 1979) o país gastou US\$ 6 bilhões na importação de petróleo. Este ano, até o mês passado o total importado era de cerca de US\$ 5,4 bilhões (ainda não foi divulgado o número oficial de setembro). O Brasil tem hoje, em relação ao passado, uma vantagem comparativa: inflação baixa, que permite uma melhor reorganização das contas públicas, do setor financeiro e da economia de um modo geral.

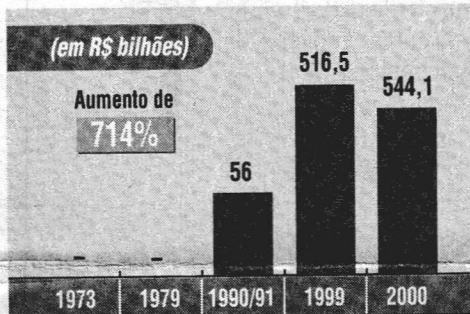
A trajetória da economia brasileira

Comparação entre os dados referentes aos dois choques do petróleo (73 e 79), à Guerra do Golfo (90), à desvalorização cambial (99) e a situação atual

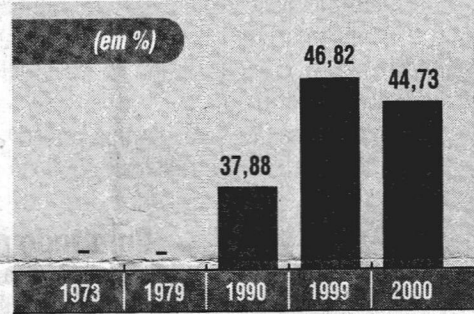
DÍVIDA EXTERNA



DÍVIDA PÚBLICA*



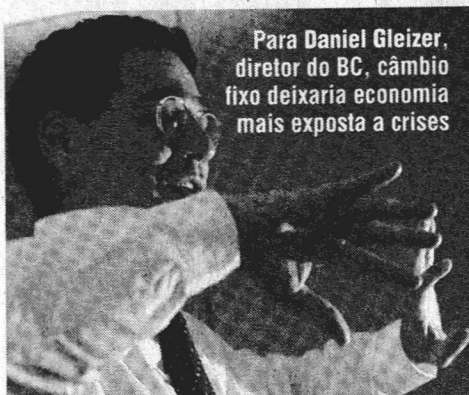
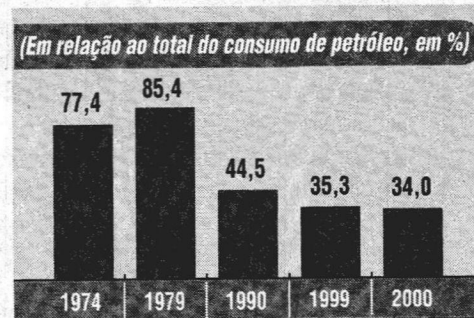
RELAÇÃO DÍVIDA/PIB



DEPENDÊNCIA DE PETRÓLEO



DEPENDÊNCIA DE IMPORTAÇÕES



Obs.: Não existem dados oficiais antes de 90 sobre dívida e sua relação com o PIB

*Estados, municípios, empresas estatais e governo central